

Agostinho: Um santo, espírita?

No ano de 313 d.C., o imperador romano Constantino promulgou o Édito de Milão, tornando o Cristianismo a religião oficial do Império Romano Ocidental. O mundo civilizado conhecido nesta época, que se limitava à Europa, Ásia e África, vivia o período que a história denominou de Classicismo, que se espelhava nas artes, na literatura e na filosofia dos antigos gregos e romanos. Apesar de conviverem, o Evangelho e a Filosofia eram considerados incompatíveis, pois se acreditava que a fé cristã não tinha condições de ser analisada racionalmente. O Cristianismo, portanto,

estabeleceu-se como dogma. Os líderes romanos adotaram o Evangelho como religião não por terem identificado nele a elevação dos ensinamentos, mas para servirem-se dele como um instrumento de manipulação das massas. Desta forma, não havia razões para que eles incentivassem reflexões acerca dos ensinamentos de Jesus.

Nossa personalidade do mês nasceu neste confuso cenário, no ano de 354 d.C, na província africana Tagaste, dominada pelo império romano, localizada na Numídia, atual Argélia. Este era Aurelius Agustinus que seria mais tarde conhecido como Santo Agostinho. Era uma criança bastante vivaz, que tinha como satisfação pegar pêras na casa do vizinho, sem o seu consentimento, apenas por prazer. Este menino de agilidade peculiar realizou seus primeiros estudos em outra província africana também de dominação romana chamada Cartago através do concurso de um amigo influente de seu pai, onde completou os estudos superiores, que lhe abriram as portas do magistério.

Agostinho não foi propriamente um bom aluno. Detestava o estudo do grego, o que mais tarde lhe dificultou o acesso aos autores helênicos, apesar de esforçar-se por corrigir essa lacuna em sua educação.

Findos os estudos lecionou retórica em Cartago (África), Roma e Milão (Itália), onde começou a freqüentar os sermões do bispo gaulês Ambrósio, movido, a princípio, por interesse puramente literário. Embora sua mãe fosse católica, Agostinho tinha formação religiosa quase nula. Mesmo porque, era cético e materialista. Buscou identificar-se com o Maniqueísmo, uma doutrina que misturava antigas religiões persas com o cristianismo. Entretanto desvinculou-se dessa corrente de pensamento quando seus princípios teóricos entraram em conflito com descobertas científicas da época e, assim, passa a seguir os preceitos de filósofos gregos, principalmente Platão. Agostinho era sedento de explicações e respostas para os conflitos íntimos que vivia no cotidiano. Um deles era com relação à companheira querida com quem não podia unir-se oficialmente, pois a lei da época não permitia casamentos entre membros de diferentes níveis sociais.

Afastado de sua companheira, que deixou seu filho Adeodato, Agostinho encontrou nas epístolas de Paulo esclarecimentos que lhe saciaram a alma. A partir desse momento,

renunciou ao magistério e tomou a decisão de dedicar-se ao estudo do Evangelho. Eis que funda, então, na casa paterna uma comunidade monástica¹, na qual pretendia passar a vida em reflexões. Não tardou, porém, para que fosse chamado a colaborar nas comunidades católicas.

Na igreja de Hipona, também na atual Argélia, foi responsável por sermões e serviços de atendimento aos necessitados. Grandes foram seus feitos. Destaca-se, por exemplo, a defesa da cidade de Roma à invasão dos hunos, na qual, além de dar abrigo a refugiados o bispo se pôe à frente do general Alarico rogando que não cometa atrocidades. Este huno, séculos mais tarde voltaria para a Terra como o espírita Jésus Gonçalves, tendo em Agostinho a inspiração para fundação de Grupo Espírita. Talvez nos seja indagado o porquê de uma efeméride espírita a uma entidade eclesiástica. Assim o fazemos justamente pelas obras deixadas por este espírito, obras estas que lhe facultaram participações importantes na codificação da Doutrina Espírita. Um santo? Não! Este é apenas um título terreno, pois conforme seus próprios dizeres quando ainda encarnado “*E sou, sem a menor dúvida, o mínimo de todos os bispos e o mais pobre em méritos*” – era isto sim um espírito encarnado que buscava os valores da alma. Além de trabalhar constantemente em favor do próximo, deu aos homens outra grande contribuição. Deixou inúmeros livros e cartas de filosofia cristã. Através da união dos conceitos evangélicos aprendidos associados aos conhecimentos das escolas filosóficas estudados anteriormente conseguiu atingir o cerne dos ensinamentos do Cristo, em sua essência, livre de dogmatismos, através do uso da razão. Como não poderia deixar de ser seus pensamentos com relação a Deus, à alma e à vida, hauridos pelo grande filósofo, estão em consonância com os conceitos doutrinários da Doutrina Rediviva – o Espiritismo. Este resultado foi adquirido em época histórica na qual a ciência não estava desenvolvida como no período da Codificação, com Allan Kardec, também se utiliza desta para compreender Jesus. Aliás, Agostinho, quando desencarnado, auxiliou na obtenção dos conceitos da Doutrina Espírita. De acordo com palavras suas aos espíritos: “*Como é bela essa missão! Assim, com que alegria vimos a vós para vos dar a conhecer os desígnios divinos! para revelar as maravilhas do além túmulo!*”²

Agostinho encerrou sua encarnação em agosto de 430, não somente deixando grande legado literário, aproveitado pela Filosofia e Religião, bem como nas Ciências da Educação e no estudo de História. Mas como os luminosos espíritos, permaneceu trabalhando, desencarnado, no resgate dos ensinamentos cristãos, sem dogmas.

¹relativo aos monges

²Revista Espírita – Ago/1862

Leia mais em:

Coleção *Os Pensadores: Santo Agostinho*

História da Filosofia Cristã por Philotheus Boehner/Etienne Gilson

Revista Espírita - Ago/1862

Enciclopédia eletrônica Wikipedia - www.wikipedia.org